

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL UFRGS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)**

SANDRA NARA DOS REIS OLIVEIRA

**UMA PERSPECTIVA PÓS- CONSTRUTIVISTA DO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

Porto Alegre

2º semestre

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL UFRGS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)**

SANDRA NARA DOS REIS OLIVEIRA

**UMA PERSPECTIVA PÓS- CONSTRUTIVISTA DO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

Comissão de Graduação do Curso de
Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de
Trabalho de Conclusão apresentado à
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do título
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Rosimeri Aquino da Silva

Porto Alegre
2º semestre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Opermann

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD

Coordenadora: Rosane Aragón de Nevado

Vice-coordenadora: Marie Jane Soares Carvalho

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110

Campus Centro

Prédio 12201

CEP: 90046-900

Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308-3428

Fax: (51) 3226-7060

PEDAGOGIA

SANDRA NARA DOS REIS OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA

9º SEMESTRE

ORIENTADOR: Rosimeri Aquino da Silva

PORTO ALEGRE, 20 DE DEZEMBRO DE 2010.

Dedico este trabalho aos meus filhos queridos, Eduardo e Mirela, que estão em todos os momentos da minha vida e pelos quais sempre vale a pena.

Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS:

Ao terminar este trabalho quero agradecer...

... aos meus filhos lindinhos, Eduardo e Mirela, que muito me ajudaram e entenderam.

... ao meu marido, José, por compreender minhas ausências.

... aos meus irmãos, Rogério e Andreia, pelo apoio irrestrito.

... ao sobrinho, Pedro, pela presença e ajuda.

... ao meu genro, Vitor, pelas explicações salvadoras.

... a minha nora, Elise, pelas suas intervenções maduras.

... às colegas, Ana e Olenka, pelos papos descontraídos e tardes perdidas.

... às colegas, Juçara, Magali e Silvana, pelas risadas, trocas e ombros, sempre disponíveis.

... ao meu colega Paulo pelos longos papos-cabeça inspiradores.

... à professora, Rosimeri, pela sua paciência.

... a todos que, de alguma maneira, ajudaram a percorrer este difícil caminho.

Muito obrigado!

RESUMO:

Este trabalho tem como tema central a perspectiva pós –construtivista da Alfabetização e as mudanças que ocasionam no currículo para atingir as crianças de seis anos que estão entrando na escola. Para elucidar esta pesquisa buscou-se o referencial teórico em Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, Paulo Freire e Esther Grossi. Os principais objetivos do trabalho foram conhecer os caminhos em que acontece a alfabetização, conhecer o novo aluno que chega na escola e conhecer a maneira de avaliar os estágios percorridos pelos alunos. O trabalho baseou-se em atividades realizadas em uma turma de segundo ano de uma escola estadual. A partir dos dados analisados observou-se a importância de conhecer esta nova visão do desenvolvimento da lecto-escrita das crianças.

Palavras chaves: alfabetização- currículo-mudanças

SUMÁRIO:

1	INTRODUÇÃO	9
2	TEORIA	13
	2.1 Conhecendo as visões teóricas que fundamentam esta escrita .	13
	2.2 Conhecendo um pouco da realidade da infância	16
3	METODOLOGIA	25
	3.1 Conhecendo os caminhos da pesquisa	25
4	ANÁLISE	27
	4.1 Conhecendo fontes de evidências	27
	4.2 Conhecendo os estágios de desenvolvimento	27
	4.3 Conhecendo as aulas-entrevista	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem como tema o processo de alfabetização numa perspectiva pós-construtivista, analisando a aquisição lecto-escrita, que é a habilidade de saber ler e escrever, pelas crianças.

O ensino Fundamental passou a ter nove anos de duração. A partir daí, um novo aluno se fez presente nas novas turmas em sala de aula. Este aluno começa um ano de idade mais novo, é mais imaturo, mais envolvido com as brincadeiras e a vida familiar. Eis, então, que a maneira de ensinar e aprender precisou passar por uma reavaliação, refletindo sobre suas propostas pedagógicas.

O objetivo deste trabalho é apresentar dados sobre esta nova perspectiva deste processo de alfabetização baseando-se na visão pós-construtivista da educadora Ester Pillar Grossi. Além desta autora a pesquisa buscou subsídios em Jean Piaget, sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças e em Vygotsky, quando fala no inter-relacionismo como forma de estimular e facilitar a aprendizagem.

Também usamos como referencial teórico, os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a psicogênese da língua escrita e os ensinamentos do mestre Paulo Freire.

As observações foram realizadas em uma turma de vinte e seis alunos de segundo ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, na faixa etária de sete a dez anos, onde estão dezesseis meninos e dez meninas.

A turma é bem difícil e agitada. Foi possível perceber, durante o estágio, que os alunos não demonstram afetividade e parecem sempre procurar expor os defeitos dos colegas. Recusam-se a emprestar material e ajudar os colegas em suas tarefas.

Apenas quatro estão alfabetizados. Há dois casos não diagnosticados de inclusão. Dois alunos possuem dificuldades de fala bem graves.

O trabalho iniciou-se com uma sondagem para avaliar a turma que era composta de trinta e seis alunos. Destes, doze foram para a nova turma da tarde. Iniciou-se então um trabalho para alfabetizar estes alunos com a preocupação maior em reforçar valores como amizade, companheirismo, coleguismo, amor ao próximo, respeito as diferenças tendo em vista o panorama descrito anteriormente.

O grande problema das turmas da escola são as faltas dos alunos. Isto dificulta muito a aprendizagem. A escola está tentando modificar este panorama, ainda em nível de discussão nas reuniões pedagógicas.

A escola é da Rede Estadual de Ensino, que foi inaugurada em 1986, que funciona nos três turnos atendendo 1223 alunos, inserida em uma comunidade carente, no centro de um núcleo habitacional da COHAB, com 60 funcionários e professores, que atuam em classes do Ensino Fundamental de 8 e 9 anos, de Ensino Médio e de EJA.

A escola possui 18 salas de aula, biblioteca, laboratórios de Ciências e Informática, refeitório, área administrativa, canchas de esporte e um grande um grande terreno em forma de plataformas com muitas escadas e desníveis. O espaço, apesar de imenso, não atende as necessidades da comunidade que cresceu muito em termos populacionais nos últimos anos.

Mas a situação mais difícil é a falta de recursos humanos para o uso da estrutura disponível.

A escola situa-se na periferia da cidade, quase na divisa com a cidade de Sapucaia do Sul. As vias de acesso são asfaltadas e há duas empresas de ônibus disponíveis no bairro onde existem lojinhas, armazéns, igrejas, uma creche da Prefeitura, duas associações, uma ONG presta atendimento a um grupo de crianças em tempo integral e um Posto de Saúde atende de maneira precária a comunidade. A escola atende alunos de seis anos até a terceira idade na EJA, com reuniões quinzenais para discutir os rumos a tomar. O regimento é elaborado e o sistema de avaliação é por pontos e o parecer descritivo e a proposta pedagógica da escola envolvem competências e habilidades.

A proposta pedagógica desta turma para este ano baseia-se no Projeto de Alfabetização do Geempa. Os autores mais presentes na linha de ação desta proposta são Piaget e Vygotsky.

O planejamento é elaborado em conjunto, apresentando um Plano de Ação, de onde partem os Projetos e Planos de Aula.

Na sala de aula são usados cartazes de rotina, tais como: Chamada móvel, ajudantes do dia, calendário, como está o clima e dos aniversariantes. Além disto, tem os cartazes didáticos como o alfabeto, murais, minibiblioteca, varal de exposição de trabalhos e muitos jogos e brinquedos.

A sala é pouco arejada e escura.

Os alunos moram em sua maioria em casas da COHAB, a maioria deles é formada por filhos de trabalhadores desempregados, de fábricas, por conta própria. Todos os alunos são matriculados e a escola comunica-se com os pais através de bilhetes, telefonemas e reuniões.

Consideramos os estudos sobre esta nova visão sobre a alfabetização baseada no pós-construtivismo, de muita relevância, visto que estamos vivendo grandes mudanças com a Lei nº 11.274, de 06/02/2006, onde crianças a partir de seis anos de idade passaram a ingressar no Ensino Fundamental.

Com base nos estudos de Esther Pillar Grossi , este processo de alfabetização se dá através de sutis estágios de desenvolvimento cognitivo.

Após a pesquisa bibliográfica, apresentamos uma análise sobre os estágios pelos quais passam os alunos na construção do seu conhecimento.

A seguir descrevemos como estes estágios relacionam-se com os estudos de Piaget e a importância das pesquisas de Vygotsky sobre a influência das relações humanas na aprendizagem e a forma como as brincadeiras e os brinquedos podem ajudar na formação dos leitores e escritores. Buscamos nos estudos de Emília Ferreiro, avaliar os mecanismos de codificação e decodificação dos sinais gráficos como uma maneira de iniciar esta nova perspectiva pós-construtivista.

As reflexões sobre as análises dos dados das pesquisas podem ser vistos adiante. Por fim, apresentamos as considerações finais e o referencial bibliográfico utilizado.

2 TEORIA:

A proposta pós-construtivista referencia-se em vários autores.

2.1 Conhecendo as visões teóricas que fundamentam esta escrita:

A educação é um fator de mudança da sociedade, uma forma de intervenção para transformação.

Ela pode ser reprodutora da ideologia dominante, obedecendo ao poder, posicionando-se como de direita; ou como desmascaramento, colocando o que está errado no poder, posicionando-se como de esquerda.

A educação é dialética onde os dois lados se comunicam, dialogam. Não pode ser neutra. Segundo a leitura de Paulo Freire (1998).

A educação deve posicionar-se a favor da decência, da liberdade, da autoridade, no sentido de deveres e direitos, da democracia e contra a discriminação e a dominação de qualquer tipo. Contra a miséria, o desengano e a desesperança. A práxis deve conter boniteza (Freire, 1998, p.116), onde o professor deve saber o que deve ensinar, brigar pelo que acredita e pela valorização do seu trabalho, com incansável persistência e humildade. O professor deve estar seguro e capaz de ensinar seus conteúdos porém não só sobre eles mas agindo com ética, decência, coerência nos seus objetivos, atitudes e procedimentos. O professor deve mostrar, avaliar, ser aberto a discussões sobre o seu esforço. O próprio professor pode ter dúvidas sobre o seu poder de autoridade, mas a dúvida leva ao questionamento e mantém a mente aberta para as mudanças necessárias.

Na minha sala de aula estou sempre atenta tentando ouvir muito e ao máximo tentar ser justa e mostrar alegria.

O letramento é o estado ou a condição que cada indivíduo ou grupo de indivíduos passam a ter a partir da aquisição da língua escrita. A escola se constitui no espaço

privilegiado e, às vezes, único para adquirir capacidades e habilidades que lhe permitam usufruir da cultura letrada, interagir com ela e ampliar suas oportunidades de se apropriar de bens culturais que tem dominado as relações sociais em contextos mais amplos. A escrita é empregada para anotar os acontecimentos considerados importantes para o grupo, para dar recados, organizar a rotina, desfrutar um bom texto. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se de um sistema de representação. A alfabetização é a aquisição da tecnologia da escrita e não precede nem é pré-requisito para o letramento, ou seja, para a participação nas práticas sociais de escrita, tanto é assim que os analfabetos podem ter um certo nível de letramento. A tecnologia da escrita é aprendida por meio de atividades de letramento, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita.

As crianças são muito curiosas. Esta é uma constatação diária de quem convive com elas.

Explorar os mais diferentes tipos de material de leitura; manusear livros, jornais e revistas; ouvir a leitura de contos, poemas, crônicas, reportagens; brincar de ler e escrever ou mesmo criar e participar de jogos e brincadeiras nas quais a leitura e a escrita são objetos centrais são maneiras de aproximar as crianças da cultura letrada.

As crianças precisam ter oportunidades de observar e reelaborar suas representações sobre o “para que” e “como” as pessoas leem e escrevem em suas atividades diárias. A leitura em voz alta para as crianças pode despertar o desejo de ser leitor. Ressaltar a importância de lerem palavras e textos, de conhecer outras maneiras de leitura e buscar apresentar às crianças variados gêneros textuais. Também é importante levar para a sala de aula as experiências de leitura que as professoras têm com os adultos. Por exemplo, levar jornais com as notícias do dia para que eles manuseiem.

A importância das práticas de leitura e escrita envolvendo eventos de letramento, registrando suas aprendizagens e alguns fatos de aula em um portfólio ou diário de bordo, criando espaços apropriados e prevendo tempos na rotina escolar para que

as crianças tenham contato com os materiais de leitura são formas de estimular o leitor.

Um conjunto de atividades de leitura e escrita de palavras e frases deve fazer parte do planejamento pedagógico das professoras desde o primeiro ano do Ensino Fundamental.

As habilidades de leitura e produção de textos envolvem o conhecimento de elementos que compõem os textos escritos, os seus estilos, a identificação do autor, da finalidade e do contexto de circulação do texto. Esses conhecimentos são construídos na prática cotidiana de leitura e escrita. É preciso prática e orientação adequada para desenvolver uma postura de leitor crítico. As crianças começam, mesmo antes de ter domínio do sistema de escrita, a conhecer as especificidades dos gêneros textuais. As práticas de leitura e escrita em sala de aula se concretizam naquelas situações, quando o texto se torna objeto de análise e conhecimento. As crianças devem ter oportunidade de compartilhar com suas professoras suas estratégias, seus conhecimentos, suas habilidades de leitura e escrita. Uma outra dimensão importante a ser observada é o cuidado com o vocabulário e a extensão dos textos trabalhados em sala de aula. Realizar um reconhecimento das habilidades por meio de uma avaliação diagnóstica. E a professora exercer o papel de escriba da classe, produzindo os textos coletivamente, ou o papel de leitora, lendo para todos, o texto escolhido. Permitir e estimular que as escritas espontâneas sejam produzidas em sala. Aproveitar a diversidade da turma e agrupar os alunos de forma que aqueles que já decodificam e codificam possam servir de leitores ou de escribas para os colegas. A produção e a apresentação de peças teatrais, pesquisas e estudos de aprofundamento, leitura de livros ou de outros textos sobre o mesmo assunto. Observar como as crianças passam a considerar as orientações da professora no momento em que entram em contato com novos textos. A criança busca identificar o sumário do livro, seu autor, seu título. Deixar claro o objetivo das atividades e como elas deverão ser realizadas. Prever formas de fazer com que as crianças fiquem atentas, como quando elas visitam a biblioteca e a professora responsável mostra o material disponível, como livros novos, fantoches, posters e elas voltam para a sala contando tudo com muito entusiasmo.

O desenho e a brincadeira são formas de linguagem a serem exploradas no processo de alfabetização. O desenho e a brincadeira para o desenvolvimento das habilidades relacionadas à apreensão do sistema de escrita enquanto sistema simbólico, ajudam as crianças a compreender o caráter da representação. A brincadeira ajuda a criança a passar de ações concretas com objetos para ações com outros significados, possibilitando avançar em direção ao pensamento abstrato. Desenho e brincadeira são atividades que levam diretamente à escrita, porque a divergência entre o campo do significado e o da visão se repete no início do processo de alfabetização, quando a criança percebe que pode desenhar também a fala.

O aprendizado da linguagem escrita desde a mais tenra idade, se constitui numa ferramenta fundamental para assegurar às crianças, como atores sociais que são, sua inclusão na sociedade contemporânea. A criança se relaciona com esta sociedade mediatizada pela escrita, ressignificando essa sociedade e esse objeto do conhecimento. A apropriação da escrita se constitui em um instrumento de inserção cultural e social nesta sociedade grafocêntrica.

2.2 Conhecendo um pouco da realidade da infância:

A infância é o resultado de uma construção paulatina das sociedades moderna e contemporânea, identificada como um estado diferenciado em que admite-se a especificidade que a constitui como uma das fases da vida humana. Sob influência da Psicologia e sem os olhares conceituais e metodológicos de outras áreas do saber científico, a infância foi compreendida como um fenômeno relacionada à vivência cronológica, cuja lógica e estrutura se pautavam pelos aspectos ligados à natureza. Estudos da Psicologia concederam pouca relevância à cultura na construção da infância. As investigações de Piaget (1923) tinham como objetivo principal investigar sua gênese e seu processo de construção analisando como o indivíduo dá sentido ao mundo compreendido. A centralidade de sua investigação

era o indivíduo e não os aspectos presentes no mundo social nem tão pouco a forma como esse mundo exerce influência no desenvolvimento mental da criança. A centralidade da interação da criança com o mundo físico implicou em uma compreensão da infância como um universo isolado. Ao tratar de estabelecer o quê, o quando e o como, ocorreu uma artificialização da cultura e do seu acesso. Esse patrimônio cultural foi transformado em um conjunto de signos e símbolos organizado a partir da ideia que o adulto possui da infância e de seu universo simbólico. Vygotsky (1991) ressaltou a importância da interação entre as condições sociais e a base do comportamento humano como elementos fundamentais para sua teoria sobre o desenvolvimento. Ao nascerem, os seres humanos dão respostas adaptativas por meio de estruturas mentais denominadas elementares, tais como: os reflexos condicionados, as reações automatizadas, os processos de associação simples, elaboradas principalmente por determinantes biológicos. O elemento central que faz com que as chamadas estruturas elementares de bases biológicas se sigam outras chamadas superiores é o uso de signos ou de outros instrumentos psicológicos. Atribuir sentido a um objeto é uma condição dada culturalmente, assim como também o é a capacidade de transmitir a outras gerações esses significados. Esta capacidade de usar signos sofreu mudanças ao longo da história da humanidade. A primeira delas é que os signos vão se transformando em processos internos de mediação. Ao longo do processo de desenvolvimento o indivíduo substitui as marcas externas e passa a utilizar signos internos, ou seja, representações mentais que substituem os objetos do mundo real. A segunda transformação é a organização dos símbolos em estruturas complexas e articuladas. Os sistemas como a linguagem, a escrita, o sistema de números, são criações da sociedade ao longo da história humana, modificando a forma social e o nível de desenvolvimento cultural dessa sociedade. A aquisição do sistema de escrita adquire uma relevância estrutural para o indivíduo que passa a dominá-lo.

De acordo com Vygotsky (2000) as crianças menores são capazes de descobrir a função simbólica da escrita, desde que seu significado seja relevante a vida e que seu aprendizado seja através de situações de brincadeiras.

É na inter-relação com as outras culturas que a cultura infantil se constitui. O sistema de escrita do universo adulto exerce influência nesta cultura. Sua tomada de consciência desse mundo ocorre por meio da ação e pela atividade lúdica.

"O jogo contém todas as tendências evolutivas de forma condensada, sendo em si mesmo, uma considerável forma de desenvolvimento" (VYGOTSKY, 2000; 156).

Na infância a aprendizagem da leitura e da escrita deve levar em conta que ao se apropriar desta tecnologia a criança vai se tornando usuário desse sistema, reconstruindo as bases do sistema de escrita, formulando hipóteses de interagir com os signos e símbolos veiculados socialmente, considerando que a sociedade contemporânea grafocêntrica tem nesta linguagem um bem cultural e que sua "apropriação" (FERREIRO, 2003) é uma forma de inclusão. Com todas estas leituras vou encaminhar meu projeto envolvendo as aprendizagens em muitas brincadeiras e jogos para ir de encontro ao que a teoria apresenta e conseguir alfabetizar e letrar minha turma de segundo ano.

A brincadeira e o brinquedo ajudam no aperfeiçoamento de muitas de nossas funções intelectuais e capacidades de relações sociais. Na escola ajudam na melhoria da aprendizagem e rendimento cognitivo. O próprio paradoxo entre as diferentes conceituações dos termos jogo, brinquedo, brincadeira, estimula a atividade criativa da livre associação entre elas.

"O aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá sobretudo pela interação social." (VIGOTSKY, 2000, p.156)

O brincar tem trânsito livre entre a realidade e o sonho, por isso permite que a criança estabeleça relações com o mundo adulto para fortalecer-se em seu crescimento.

Sabemos que o brincar é um prazer sério e que a atividade lúdica deve estar presente no currículo, envolvendo todo o procedimento educativo.

O brincar contribui para a construção do sujeito e do conhecimento, valorizando os vínculos afetivos e a inserção na realidade, desde que tenha intencionalidade.

Brincar é uma forma de entender e estabelecer relações com o meio.

A brincadeira, o jogo, o brinquedo, dentro de um planejamento estratégico podem estimular o raciocínio lógico, desenvolver a capacidade de pensar, favorecer o processo de construção do pensamento usando situações concretas para canalizar a energia emocional infantil, relacionar a ação às suas consequências, fortalecer a criança perante as perdas e frustrações, potencializar a memória, a atenção e a concentração. Pode desenvolver a percepção de tempo e espaço. Além disso, estimular a autoestima através do autoconhecimento.

O educador deve conviver com a brincadeira propiciando situações lúdicas, mas com entendimento do seu significado e sua extensão.

A aula lúdica é aquela que instiga, desafia. Brincar permite o desenvolvimento das significações da aprendizagem e quando o professor o instrumentaliza, intervém no aprender, direcionando para problematizar e apoiar, com o benefício de proporcionar desenvolvimento intelectual e afetivo. O professor deve preocupar-se também em direcionar o brincar para o desenvolvimento de valores, tais como, cortesia, respeito, disciplina e responsabilidade.

O fazer pedagógico lúdico deve envolver o aluno em todas as disciplinas, criando situações de desafio para que ele mesmo busque o conhecimento.

O lúdico na sala de aula pode ser a releitura de uma obra de arte, relacionando-a com o cotidiano da criança. Pode ser o transformar do texto lido de uma poesia em um quadro com colagem de diversos materiais. Ou transformar um texto em música. Ou levar para casa uma entrevista com os pais, avós, tios, sobre o que eles brincavam, cantavam, vestiam, nas suas infâncias proporcionando um interagir com a família. E brincar também é trazer o seu brinquedo favorito para a escola e deixar-se levar pelos seus sonhos na hora do brinquedo e, simplesmente, brincar.

“A pessoa só aprende quando as informações fazem sentido para ela.” (VIGOTSKY, 2000, p.156)

Brincar é o caminho para a aprendizagem de fato. Através de jogos, brinquedos e brincadeiras o aluno torna-se sujeito do seu conhecimento e da ação de aprender, além de preparar-se para superar situações estressantes.

Com o brincar da infância a criança compreende o mundo adulto e se apropria de noções da realidade usando a imaginação e a fantasia.

“É na relação com o meio que a criança se desenvolve, construindo e reconstruindo suas hipóteses sobre o mundo que o cerca.” (VIGOTSKY, 2000, p.159)

A noção de infância surgiu com a sociedade capitalista urbano-industrial, na medida em que mudavam a sua inserção e o seu papel social na sua comunidade.

As mudanças da sociedade vão se refletindo nas mudanças do papel da criança e a forma de participação na vida da família.

Os movimentos sociais buscam adequar o ensino nas escolas a estas mudanças levando em conta essas questões na aplicação das políticas públicas e na concepção e construção dos currículos escolares.

Muitos são os estudiosos e pensadores que buscam encontrar uma maneira de tornar a aprendizagem destas crianças fundamentada no seu desenvolvimento.

Segundo Piaget (1978), sujeito e objeto não tem existência prévia. Eles se constroem. Mesmo trazendo uma bagagem que remonta a milhões de anos de evolução, não consegue resolver simples operação de pensamento nem abstrair.

Construtivismo significa a ideia de que nada está pronto, acabado. Antes da ação não há psiquismo, consciência e pensamento. Os debates de Piaget com Vygotsky e Wallon revelam um avanço nessas teorias e revolucionam os estudos da infância. Vygotsky nos remete a discussão sobre as relações entre linguagem e pensamento, a influência cultural na construção de significados e o papel que a escola na aquisição de conhecimentos pelo indivíduo.

Para Vygotsky (1987) o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ações pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos. O brincar constitui um espaço de aprendizagem.

Encontramos nos estudos de Emília Ferreiro (1979) a busca por uma explicação dos processos e das formas mediante as quais as crianças aprendem a ler e escrever, compreendendo as características, o valor e a função da escrita.

Baseada nestes estudos a escola vem elaborando seus currículos e estabelecendo as metas e objetivos para a aprendizagem de seus alunos.

Baseada nestes estudos surge uma nova visão para a alfabetização desta nova etapa da infância que chega as nossas escolas, acolhidas em função da Lei 11.274/2006, que estabelece seu ingresso mais cedo às classes de alfabetização. Vimos que os alunos vindos de famílias de situação financeira estável já estavam preparados para esta mudança pelo conhecimento adquirido nas relações familiares e seu contato com o mundo das letras. Porém as crianças das periferias, de famílias mais pobres foram levadas a escola e foi preciso uma reavaliação dos métodos e das formas como esta alfabetização deveria ser acessíveis a todos.

Em Paulo Freire (1998, p. 110) observamos as implicações políticas de poder e dominação que o ato de alfabetizar pode imprimir, quando a escola e sua pedagogia distanciam ou agregam o saber letrado para as classes trabalhadoras.

Dentro deste contexto, surge uma nova perspectiva de como este aluno aprende para reinventar como se pode ensinar. As ideias já desenvolvidas possibilitaram, através da prática cotidiana vivida na escola, outro olhar sobre a alfabetização deste, ao mesmo tempo, já conhecido e novo aluno.

Na proposta construtivista pós-piagetiana, tanto a língua escrita quanto a identidade social do sujeito que constrói o conhecimento, são contemplados em seus pressupostos filosóficos.

A função da escola é, principalmente, introduzir e familiarizar os alunos com o mundo letrado.

Nesta proposta as atividades com o nome introduzem os trabalhos de alfabetização. O ritual da passagem do espaço familiar para o espaço escolar representa um momento em que as crianças se afastam do seu universo de origem e, através do contato com as letras do alfabeto, iniciam um caminho de descoberta da língua escrita. Aqui a alfabetização e a ortografização são distintas. A alfabetização, que corresponde a aquisição da base alfabética deve ser concluída no primeiro ano, enquanto que a ortografização vai estender-se até o final do quarto ano.

Pensar que se pode mudar uma proposta educacional apenas mudando as atividades é quase presunçoso e equivocado.

A diferença se dá na postura com que esta nova visão é aceita e levada a realidade das classes escolares.

Os estudos para reavaliação da forma de alfabetizar levou a novos modelos de aprendizagem onde o interacionismo de Vygotsky, contemporâneo deste pós-construtivismo, mostra que o pensamento é construído aos poucos dentro das relações sociais.

“ O pós- construtivismo prevê que todos podem aprender e que aprendem juntos, ou seja, o ato de aprender é um fenômeno social. Por isso a questão do grupo é tão importante.”(GROSSI, 1990,p.38)

As bases que fundamentam esta teoria, são fundamentadas nas ideias de Jean Piaget, Henri Wallon, Lev Vygotsky, Sara Paim, Emilia Ferreiro e Paulo Freire, são as seguintes: não existe prática sem teoria, sendo que esta teoria deve ser consistente em que os conceitos e noções que as constituem são compatíveis entre si, sem misturar modelos, assegurando aos professores uma fundamentação científica solidamente estruturada e o respaldo da Ciência que demonstra que todos podem aprender.

Esta teoria rompe com o construtivismo no momento em que ele não apresenta elementos que expliquem a prática e não incorpora aspectos como o social e o cultural em sua visão de construção do conhecimento. O pós-construtivismo coloca-se portanto, como o acréscimo das dimensões sociais nos fenômenos de aprendizagem.

O ponto de partida é a constatação de que leitura e escrita são duas ações inversas, podem não ocorrer ao mesmo tempo.

Os estudos de como esta criança aprende apresenta três estágios decisivos durante a aquisição da leitura e escrita. Estes estágios não são claramente definidos na realidade empírica. Existem vários estágios intermediários ou a mistura deles por vezes na escrita, por vezes na leitura.

Desde 1985 estes novos conhecimentos sobre a psicogênese da alfabetização foram construídos.

Os níveis são o pré-silábico, o silábico e o alfabético. O pré-silábico pode ainda dividir-se em pré-silábico 1 e pré-silábico 2.

Um aspecto relevante é a presença de conflitos de passagem de um nível ao outro, o que indica um progresso no processo de alfabetização dos alunos.

No nível pré-silábico 1 a hipótese explicativa da escrita é desenhar e ler é interpretar desenhos, figuras ou imagens. Não há relação entre as letras e a escrita. As crianças fazem ideias muito interessantes e constroem hipóteses sobre o que se pode ler e escrever.

Neste nível a criança faz experiências de ler a realidade em desenhos, gravuras e fotos, sem compreender a possibilidade de que as letras possam dizer algo. Ao ser apresentado a textos escritos, os conflitos começam a aparecer e a criança passa ao nível pré-silábico 2.

No nível pré-silábico 2 a criança associa imagem ao objeto, memoriza palavras significativas, percebe letras iniciais e reconhece a letra do seu nome, não admitindo que outros tenham a mesma. Distinguem a morfologia das letras e diferenciam letras de números. Não associam letras aos sons.

Estar no nível silábico é fazer a correspondência de cada sílaba a uma letra e saber que as palavras devem ser escritas sempre da mesma forma. Elas descobrem também que duas pessoas podem ter nomes iguais. Cada um pode ser silábico do seu jeito. Neste nível a criança começa a associar escrita a leitura.

Ao se deparar com letras, palavras, textos e números a criança começa a perceber o aspecto fônico dos objetos de estudo. Novos conflitos começam a quebrar suas certezas sobre a leitura e a escrita. Ela começa a perceber a impossibilidade de ler. Esta não-decodificação gera um impacto nas suas certezas. Então o silábico começa a aumentar o número de letras das palavras até chegar a fonetização das sílabas.

No nível alfabético, a criança percebe que para cada letra existe um som e que a leitura e a escrita tem um vínculo. Elas refletem como se faz a escrita.

Fundamentalmente esta proposta implica transformar a sala de aula em um ambiente enriquecido de coisas escritas de todos os tipos, onde as atividades levem a uma vivência afetiva do processo de construção do que é ler e escrever, sempre levando em conta seu contexto sócio-antropológico.

3 METODOLOGIA:

As investigações se deram no processo de construção dos alunos.

3.1 Conhecendo os caminhos da pesquisa

As investigações realizadas procuraram estudar o processo de construção das habilidades de ler e escrever a partir da identificação dos processos cognitivos, compreendendo as hipóteses formuladas e o tipo de conhecimentos que a criança já possui ao entrar no ambiente escolar.

Para a realização dessa pesquisa foram planejadas e aplicadas experimentações em que a criança pudesse colocar sua percepção de escrita, como ela vê a leitura e como ela resolve seus desafios.

A preocupação do trabalho constituiu em mostrar informações valiosas que demonstram como a criança aprende, assim como utilizar estas análises para envolver a criança no processo de alfabetização.

A identificação dos níveis de conhecimento que a criança passa até a alfabetização indica o caminho que ela percorre, baseando-se nos princípios de que a criança em evidência está entrando mais cedo na escola; vem de um ambiente familiar menos rico em material escrito, sem muito contato com hábeis leitores ; a aquisição da leitura não necessariamente corresponde a da escrita e vice-versa. A novidade deste enfoque baseada nos estudos dos níveis de conhecimento, predispõe uma nova visão pós-construtivista do processo de alfabetização.

Inspirada nestes estudos, a pesquisa objetivou explorar os conhecimentos da criança referindo-se as suas atividades de leitura e escrita. Usando atividades de desafio, experiências de escrita e leitura em situações envolvendo o cotidiano infantil

e suas habilidades, esta experiência permitiu identificar na prática as hipóteses teóricas levantadas.

A análise dos dados foi de forma qualitativa buscando interpretar as respostas e encontrar os níveis de desenvolvimento.

Os sujeitos da pesquisa foram alunos do segundo ano da turma onde foi realizado o estágio no primeiro semestre de 2010, em idade entre 6 anos a 10 anos, provenientes de famílias de baixa renda.

Foram analisados documentos com letras, palavras, frases e textos, assim como hipóteses de escrita dos alunos em diferentes momentos.

O material coletado inclui exercícios escritos de letras, palavras, frases e textos, pequenas tentativas de construção de histórias, aplicação de aulas-entrevistas, utilização dos números em atividades, releituras de histórias e objetos artísticos utilizando a escrita e a expressão gráfica, o desenho, descrição de jogos e brincadeiras.

As aulas-entrevista constituem narração de histórias aos alunos, individualmente, solicitando que eles escrevam depois, em forma de ditado, dez palavras que dificilmente correspondem ao seu cotidiano, que estão na história. Depois os alunos deverão escrever sua versão da história ouvida. Por fim o aluno lê a sua versão. Estas atividades são avaliadas levando em conta os critérios de cada nível de conhecimento.

ANÁLISE:

A análise foi realizada pelas produções dos alunos.

3.2 Conhecendo fontes de evidências:

A partir dos estudos feitos sobre a teoria que mostra uma nova visão pós-construtivista da Alfabetização, foi analisado um grupo de alunos em diferentes níveis de aprendizagem e a aplicação de aulas-entrevistas. Os documentos foram analisados com o objetivo de perceber estes níveis na construção da escrita e leitura dos alunos.

Na primeira parte da análise estão os registros de exercícios e tentativas de escrita de letras, palavras, frases e textos, feitas pelos alunos.

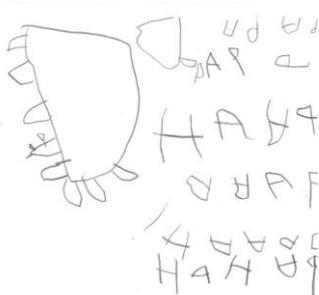
Na segunda parte observa-se como é feita uma aula-entrevista, o resultado e a análise dos resultados.

Segundo o Grupo de estudos, metodologia de pesquisa e ação (Geempa) na Alfabetização percorre-se quatro vetores, a saber, o da leitura, o da escrita, o da associação das letras aos sons e a compreensão das unidades linguísticas.

A seguir apresento algumas evidências encontradas e sua análise.

3.3 Conhecendo os estágios de desenvolvimento:

Este é o estágio pré-silábico:



Figura

Este aluno não conhece as letras pelo nome, faz desenhos como escrita.

Ao ser questionado sobre o seu desenho ele disse:

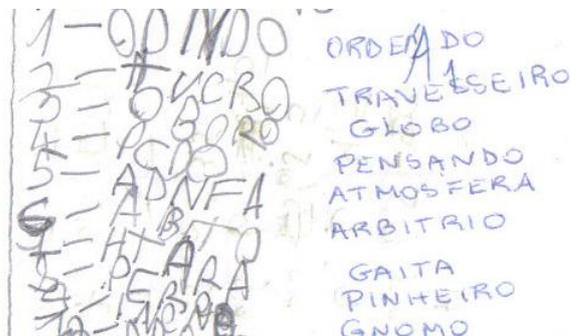
- Eu escrevi a dinossaura e o filho dela.
- E estes aqui?
- Aqui é o meu nome (mostrando as letras).

Ele demonstra o conflito de saber que os nomes se escrevem com letras.

**Figura 2**

Aqui outro exemplo de pré-silábico em conflito. Neste exercício ele deveria escrever nomes de coisas que via em uma figura. Ele desenhou a casa, a árvore, o menino (que já memorizou como se escreve) mas completou com muitas letras, demonstrando sua desconfiança de que palavras se escrevem com letras.

Alunos silábicos:

**Figura 3**

Este ditado faz parte de uma aula-entrevista. Nele vê-se claramente que o aluno escreve uma letra para cada sílaba e já reconhece algum som inicial, pois usou o P para escrever as duas palavras que iniciam assim.

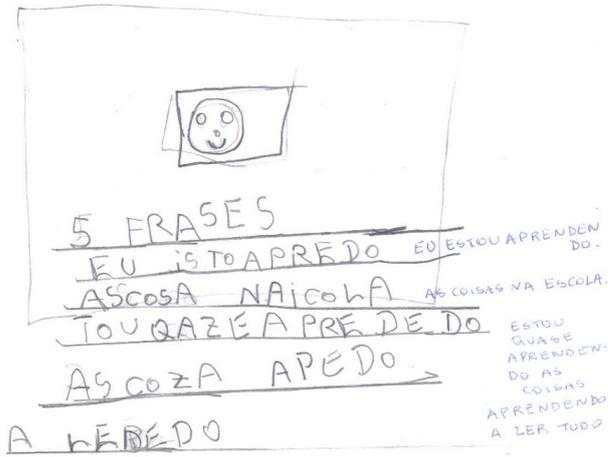


Figura 4

Aqui o texto de um silábico que já tenta escrever um som para cada letra.

Este aluno lê de forma silábica. Ao escrever vai dizendo cada palavra e tentando definir as letras da sílaba.

Abaixo podemos comparar alguns textos de alunos entrando no estágio alfabético e já escrevendo alfabeticamente.



Figura 5

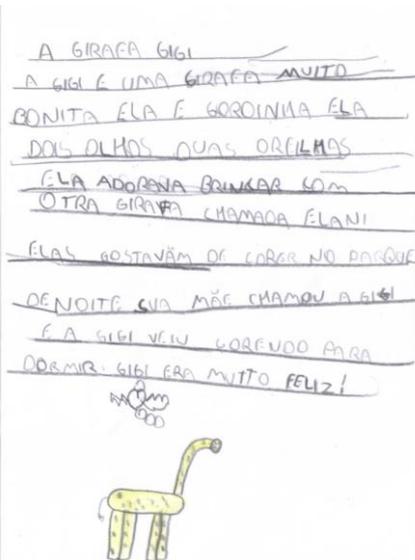


Figura 6

Podemos ver a seguir um texto de um aluno alfabético em uma construção de história:

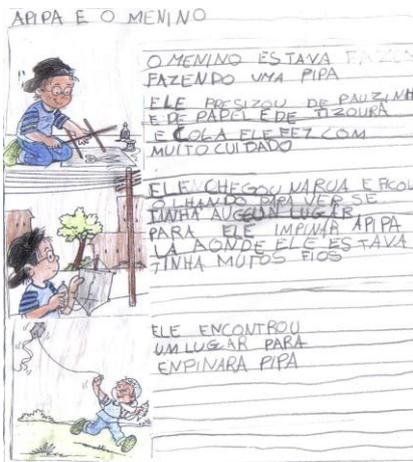


Figura 7

3.4 Conhecendo as aulas-entrevista:

A primeira aula-entrevista.

A professora dita quatro palavras, depois uma frase e pede que o aluno leia a frase para ela:

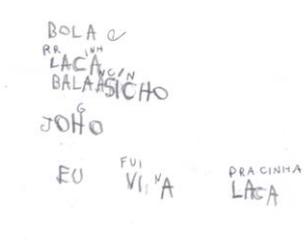


Figura 8

O aluno já memorizou uma palavra chave BOLA, escreve quase silábico. Ao ler ele ficou em dúvida se a palavra PRACINHA não precisava de mais letras (característica já do alfabético) e repetiu a leitura pensativo. Depois confirmou que estava certo.

Na segunda aula-entrevista a professora lê uma história para o aluno individualmente. Depois ela dita dez palavras da história que não são do cotidiano dos alunos. A seguir ela pede que ele escreva a história. Ela lê a história para o aluno e depois pede que ele leia em voz alta.

PROFELORA
BICICLETA
PINEO
GEITO
MOSTRO
DINHERO
ESTRA
ADIMIRADO

NÃO TINHA ONIBUS NA CIDADE BICICLETA PARA ESCOLA TINHA A ESTRADA E TINHA TAVA PEGADO ESTRANHO MAIOMEL MOSTRO DINHERO NÃO POSSO O MOSTRO DAR EU JOU TILIA LOISA ESPERAR UQUIR

Figura 9

Este aluno está quase alfabético. Ainda não admite consoantes mudas, escrevendo PINEO e ADIMIRADO. Leu a história acompanhando com o dedo a leitura das palavras sem preocupar-se com sílabas.

Na quarta aula-entrevista temos os resultados de um aluno pré-silábico 2:

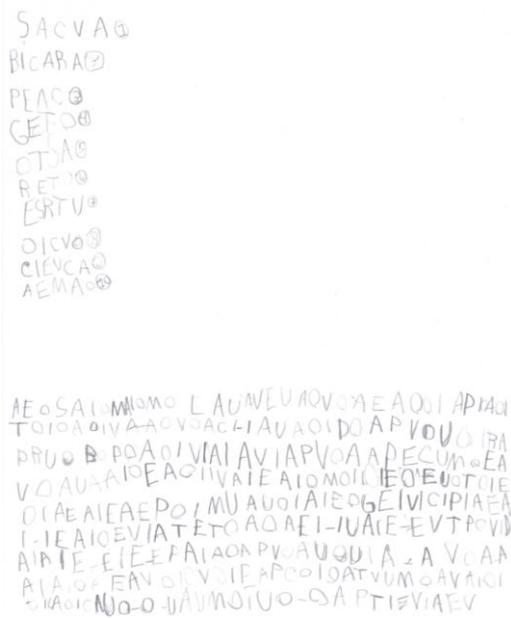


Figura 10

Não é possível descobrir o que o aluno tentou escrever. Ele sabe que para escrever precisa de letras e não de desenhos. As palavras devem ter mais de três letras. No momento de fazer a leitura ele foi dizendo a história e sua leitura acabou antes das letras escritas e ele completou com FIM.

Na outra aula-entrevista fica demonstrado o aluno que sabe seu nome completo, que é solicitado na primeira tarefa. Depois ele deve escrever seu nome usando folha quadriculada, uma letra em cada quadrinho. Após ele vai escrever uma palavra para cada letra do alfabeto. Por último ele escolhe uma historinha conhecida e escreve com suas palavras, fazendo depois a leitura para a professora.

PATINHO FEIO
 ERA UMA VEZ UMA PATÁ ELA
 TINHA MUITOS PATINHOS
 UM ERA MUITO DIFERENTE
 TODO MUNDO RIA DELE IMTÃO
 ELE RESOLVEU IR EMBORA
 UM DIA ELE ESTAVA TOMANDO
 ÁGUA NO RIO E VIU ELE MESMO
 ELE VIU QUE NÃO ERA UM PATO
 FEIO E SIM UM LINDO SISEMEX

Figura 11

Este aluno está alfabético na escrita e na leitura.

Abaixo ainda temos uma construção de texto de um aluno já alfabetizado:



Figura 12

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho é uma reflexão sobre como ocorre o processo de Alfabetização sob uma perspectiva pós-construtivista. Baseada nas teorias estudadas, constatei que é necessária uma mudança no modo de receber, orientar e ensinar as crianças que estão iniciando sua vida escolar.

Refletindo sobre os estudos feitos a respeito dos níveis de aprendizagem pelos quais passam os alunos na aquisição lecto-escrita, percebo que este conhecimento é essencial para a elaboração de uma linha de ação pedagógica que estimule, organize, facilite e favoreça o crescimento e desenvolvimento dos mesmos.

Com base nas evidências apresentadas pelo grupo de alunos analisados em suas atividades e exercícios, reitero que o processo de Alfabetização requer uma sala de aula enriquecida de material escrito, com atividades interessantes e desafiadoras, numa vivência e convivência afetivas e que ele se alimenta das percepções, dos movimentos e das palavras de forma ativa. Este processo também depende do contexto sócio-antropológico em que está inserido, com suas representações e valores.

Na medida em que vou analisando os registros feitos noto que, influenciado pelo pensamento construtivista de Piaget, as descobertas de Emília e Teberosky, associadas à antropologia pedagógica fundamentalmente articulada de Paulo Freire, surge uma proposta escolar diferente.

A combinatória do desempenho dos alunos nestes passos em que se dá a Alfabetização, sendo a leitura, a escrita, a associação entre as letras e os sons e unidades linguísticas, é que caracteriza o que podemos chamar de zona proximal nesta aprendizagem, que é a distância existente entre o que o sujeito já sabe e aquilo que ele potencialidade de aprender, demonstrada nos níveis de aprendizagem pré-silábico, silábico e alfabético.

Este trabalho aponta para a importância da Alfabetização a partir desta visão, como forma de transformar a atual proposta escolar fruto dos estágios do

conhecimento sobre as formas do saber. É uma mudança que exige muito esforço, mas demonstra uma eficácia bastante significativa nos seus resultados finais. Cada vez mais fica evidente a importância do embasamento teórico para orientar os caminhos de uma Educação consciente, envolvida e legítima.

REFERÊNCIAS:

alfabetiamar.blogspot.com/.../o-pos-construtivismo-na-alfabetizacao.html

(acessado em 23/09)

BRASIL, Ministério de Educação. **Ensino fundamental de nove anos**. MEC. Brasília, 2007.

BRASIL, Ministério de Educação. **A criança de seis anos no ensino fundamental**. MEC. Brasília, 2009.

forum.ulbratorres.com.br/.../MESA%2019C%20-%20SCHINEIDER.pdf (acessado em 23/09)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Porto Alegre: Paz e Terra, 1998.

GROSSI, Esther Pilar. **Didática da Alfabetização**, Vol I, II, II.. Porto Alegre.; Paz e Terra, 2010.

Pós-construtivismo.

inforum.insite.com.br > Outros (acessado em 23/09)

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

www.geempa.org.br/html/.../metodologia.htm (acessado em 23/09)

www.nlnp.net/crianca.htm (acessado em 23/09)